

WIKIPEDIA E A ECONOMIA MORAL: ANÁLISE DOS ACORDOS ESTABELECIDOS ENTRE USUÁRIOS E PLATAFORMA¹

Franciane Tavares de Moraes²

Introdução

A produção colaborativa é uma atividade inerente ao ser humano que ganha proporções globais com o advento de novos suportes técnicos e midiáticos, desestabilizando balizas espaço-temporais e permitindo o engajamento e a participação em projetos que antes não seriam possíveis pelos imperativos da mídia tradicional (SHIRKY, 2011). O empoderamento do consumidor e sua crescente autonomia descentraliza os custos gerenciais e torna a organização prescindível de uma administração institucional, facilitando essa participação colaborativa (SHIRKY, 2012). Como resultado, vemos surgir hoje bens e serviços baseados no poder da colaboração que seriam insustentáveis em modelos de negócios anteriores.

Em sua obra *A cultura da conexão* (2014), Henry Jenkins nos atenta para um contrato social implícito acordado entre empresa de mídia e usuário no ambiente da web 2.0 no momento da interação. Este contrato rege aquilo que cabe a cada uma das partes, negociando os papéis e definindo as expectativas de cada um dos envolvidos, mesmo que não declarado no momento em que se inicia o contato. Quando há inadimplência, extrapolação de suas funções pré-definidas no acordo tácito ou modificações unilaterais nos acordos sociais, a empresa de mídia pode ferir aquilo que Jenkins denomina como economia moral, gerando quebra de confiança e prejudicando irremediavelmente a relação.

A partir deste contexto, nos propomos a refletir sobre a posição moral adotada pela Wikipedia como site de conteúdo gerado pelo usuário. Pretendemos analisar se há e como se configura essa “lacuna” entre a retórica da Wikipedia e as experiências reais dos usuários (JENKINS, 2014) que se dispõe a colaborar com o projeto.

¹. Artigo apresentado ao Eixo Temático 38 – Tecnologias digitais, cultura e experiências colaborativas do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

². Franciane Tavares de Moraes é mestranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), bolsista CAPES. E-mail: fram.bing@gmail.com

Pretendemos fazer a análise de breves relatos a respeito das expectativas conflitantes entre o discurso da Wikipedia e as experiências reais dos usuários, fazendo, para tal, uso das argumentações oferecidas por Jaron Lanier (2012) e Andrew Keen (2009), críticos da web 2.0 com foco no imperativo do compartilhamento. Ao nos apropriar do escrutínio lógico de dois ex-insiders descrentes em associação a autores que, na topologia ideológica se encontram num extremo oposto, como Clay Shirky, Chris Anderson e Lawrence Lessig, procuramos nos afastar de uma visão unilateral desta realidade para construir uma estrutura crítica e analítica de nosso objeto.

Palavras-chave: Wikipedia; economia moral; acordo

A economia moral

Quando Henry Jenkins trata do contrato social estabelecido entre usuário e empresa de mídia, sua fala se aproxima daquilo que o emérito autor dos estudos da Análise de Discurso, Patrick Charaudeau, aponta em sua obra *Discursos das Mídias* (2006) a respeito das regulações que emergem naturalmente do convívio em sociedade, que regem as práticas sociais e criam convenções e normas de comportamento, propondo que o contrato midiático é um pacto co-intencional entre as esferas da produção e recepção, um acordo simbólico entre a mídia e seu consumidor que não precisa necessariamente possuir um enunciado ou estar visivelmente declarado entre todos os envolvidos no processo comunicativo.

O conceito de economia moral apropriado por Jenkins em sua obra *Cultura da Conexão* (2014) é declaradamente influenciado pelo historiador britânico Edward Palmer Thompson (1924-1993) e vem sendo trabalhado pelo autor americano desde 2008 (JENKINS 2008a, 2008b, 2008c e 2008d), com suas reflexões sempre voltadas para o universo do conteúdo gerado pelo usuário. Isto porque, como afirma Tim O'Reilly, “a contribuição do usuário é a chave para a dominância do mercado na era da web 2.0” (2005, s/p, tradução nossa)³.

Jenkins irá definir economia moral como:

[...] as expectativas, os investimentos emocionais e transações culturais que criam uma compreensão compartilhada entre os participantes de uma troca econômica. A economia moral que governava as companhias de mídia tradicional foi demolida e há expectativas conflitantes entre o que os novos relacionamentos deveriam ser. (JENKINS, 2008a, s/p, tradução nossa⁴),

ou, ainda, “as normas sociais e os entendimentos mútuos que permitem que duas partes conduzam negócios” (JENKINS, 2014, p. 83), uma estrutura social em que “todos os participantes precisam sentir que as partes envolvidas estão se comportando de um modo moralmente adequado” (JENKINS, 2014, p. 83), de forma que os interesses estejam alinhados e as partes envolvidas na transação estejam de comum acordo com suas atribuições na interação.

Jenkins parece preocupado com mudanças que podem constituir uma “reformulação unilateral do controtato social entre empresa e seus colaboradores” (JENKINS, 2014, p. 83), que afetariam a economia moral entre as partes, desgastando a relação e prejudicando a

³ Texto original: “user contributions are the key to market dominance in the Web 2.0 era”.

⁴ Texto original: “the social expectations, emotional investments, and cultural transactions which create a shared understanding between all participants within an economic exchange. The moral economy which governed old media companies has broken down and there are conflicting expectations about what new relationships should look like”.

criação de conteúdo, algo do qual plataformas de UGC⁵, como a Wikipedia, são completamente dependentes. Jenkins observou que o público parece criar uma resistência à mídia quando há a percepção de que esses acordos estão sendo violados; e no momento atual, em que notadamente a audiência vem adquirindo soberania nesta relação diádica, esse modelo de negócios pode se encontrar em risco se não atender às expectativas criadas através desses contratos.

No entanto, o discurso da web 2.0 oculta os conflitos existentes entre mídia e público e suprime as exigências dos acordos, deixando-as veladas. Para Jenkins, esse desequilíbrio e opacidade das informações gera uma quebra de confiança no contrato e pode ter efeitos ainda mais nocivos.

Uma prática contestada e que estaria ultrapassando a economia moral vem da participação ativa do público na cultura: com o advento da web 2.0, o usuário passa a assumir diferentes papéis na mídia, dentre eles, o de criador de conteúdos amadores – logo assumidos como profissionais – e *remixadores* de conteúdo, se apropriando de produtos culturais consagrados, muitos ainda sob o resguardo dos direitos autorais, desvalorizando o trabalho criativo profissional e especializado sob a égide da retórica de uma consciência coletiva. O fato é que a web 2.0 oferece a estrutura para que tais compartilhamentos e mixagens ocorram, mas a posição moral adotada pelas empresas de mídia pode facultar ou impossibilitar essas quebras de contrato.

Contra o discurso hegemônico

Jenkins aponta o trabalho de Andrew Keen e Jaron Lanier como uma corrente oposta ao compartilhamento e à crença cega nos benefícios da web 2.0. Esses autores se posicionam contra o evolucionismo tecnológico cego e em defesa das mídias tradicionais e do legado cultural da humanidade que ameaça ser destruído com a falta de regulação da internet somado ao imperativo do compartilhamento. Estes autores mostram-se céticos em relação aos benefícios da consciência coletiva e apontam diversas quebras de contrato das diversas mídias digitais com seus usuários, com a sociedade e com a cultura, que ela deveria resguardar e proteger.

Ex-entusiastas da tecnologia digital (Lanier é conhecido como o pai da Realidade Virtual e Keen fora um empreendedor pioneiro do Vale do Silício), embora não procedam do

⁵ Conteúdo gerado pelo usuário (User Generated Content).

mesmo *background* teórico (Lanier é um cientista da computação e Keen possui formação em História e Política), ambos os autores passaram por um processo de auto-anatemização do culto tecnofílico, desenvolvendo uma série de argumentos contra o que denominam “utopismo tecnológico” (KEEN, 2009); “luddismo”, “totalitarismo cibernético” e “maoísmo digital” (LANIER, 2012).

Keen argumenta com o ceticismo de um ex-fiel que teve um dia adesão absoluta e cega ao culto e agora é capaz de oferecer um raciocínio que enfatiza os aspectos sociais e, principalmente, os efeitos diretos da web 2.0 em nossa cultura e arte. Voltando-se sempre à ideia de tradição, do legado da cultura ocidental e recorrendo por vezes a valores judaico-cristãos, a crítica de Keen surge como uma resposta aos entusiastas da tecnologia, já que para o autor, independente do posicionamento ideológico ou área de atuação, esses “utopistas ensandecidos” (KEEN, 2009), são unidos por uma hostilidade compartilhada à mídia e às formas de entretenimentos tradicionais.

Lanier, por sua vez, procura nos atentar para a retórica anti-humana que o discurso utopista carrega em seu bojo. O autor acredita que esta ideologia “promove a liberdade radical na superfície da web, mas essa liberdade, ironicamente, aplica-se mais a máquinas do que a pessoas” (LANIER, 2012, p. 18). Autodenominando-se um “humanista digital”, Jaron Lanier não se encontra em tão extrema posição do espectro de opiniões da evolução digital e chega a celebrar com ressalvas algumas conquistas do mundo conectado, que denomina “custos aceitáveis [...] de perdas estéticas” (LANIER, 2012, p. 36) que podem ser contrabalanceadas por “vitórias estéticas”. Seu principal argumento em oposição ao suposto caráter emancipador da web 2.0 reside no fato de que as preocupações filosóficas acerca do relacionamento humano estão sendo simplificadas, discutidas apenas na superfície e logo substituídas por artefatos eletrônicos. Estamos nos tornando menos humanos, enquanto “a Internet está ganhando vida e se transformando em uma criatura super-humana” (LANIER, 2012, p. 31), que em breve poderá prescindir do próprio homem.

Se Keen e Lanier são apóstatas que renunciaram ao culto, esses autores enxergam Tim O'Reilly como o “pregador mais fervoroso” do Vale do Silício (KEEN, 2009, p. 16) e seus seguidores são alucinados que “alimentam uma fé messiânica nos benefícios econômicos e culturais da tecnologia” (KEEN, 2009, p. 16).

Não são poucos os paralelos religiosos que surgem quando tratamos da ideologia tecnófila. Apesar das intenções da tribo totalitarista cibernética serem boas, Lanier acredita que “começa muito rapidamente a parecer uma religião [...] que apresenta a própria escatologia e as próprias revelações do que está acontecendo” (LANIER, 2012, p. 35). Ambos

os autores irão recorrer a estas e outras figuras de linguagem para ilustrar como a defesa acrítica da tecnologia, tal como um culto, pode nos levar a efeitos nefastos como o obscurecimento da verdade e a desorientação frente ao caos de informações.

A Wikipedia em contexto

A Wikipedia vai contra aquilo que os utopistas denominam a “ditadura do expertise” (KEEN, 2009), uma forma de dominação cultural imposta pela mídia tradicional que silencia a contribuição do usuário, filtrando e selecionando apenas aquilo que é reconhecido como digno de atenção pelos proscritores dos valores legitimados por eles. A crítica dessa ditadura do expertise só é possível porque houve transferência de recursos que antes eram monopólio das categorias profissionais para o público geral, o que O’Reilly denomina “arquitetura de participação” (O’REILLY, 2004) e que pode ser facilmente encontrada nos projetos open source. Esta arquitetura, que vem minando o conceito unilateral de receptor e gerando o que Keen denominaria “culto do amador”, reduz as barreiras para que novos usuários possam se apropriar das tecnologias existentes e nivela a qualidade de recursos produtivos de amadores e profissionais, promovendo um “mercado livre de ideias no qual qualquer um pode propor soluções para um problema; estas são aceitas pela aclamação e pela propagação orgânica de sua utilidade” (O’REILLY, 2003, tradução nossa⁶).

Assim, enquanto os utopistas enaltecem a Wikipedia por seu papel de democratização do acesso e da produção de conteúdo intelectual, Keen enxerga o “ideal do nobre amador”, uma versão digital do bom selvagem rousseauiano, onde o trabalho antes delegado ao profissional vem sendo aos poucos deixados na mão do amador, o que não é apenas uma permissão, mas um encorajamento. O autor nos lembra que “um mundo em que todos nós somos amadores, não há especialistas”⁷ e, num ambiente deste, a opinião de um jovem que mal ingressara no ensino superior, sujeito a todo tipo de embuste intelectual, tem o mesmo valor de um erudito com anos de cátedra.

Além disso, Keen atenta para o fato de que o ponto de vista individual é silenciado na Wikipedia, numa espécie de reducionismo multiplicador que valoriza a unanimidade das opiniões em detrimento dos registros desviantes. Isto gera o que Tom Friedman denomina

⁶ Texto original: “This architecture of participation allows for a real free market of ideas, in which anyone can put forward a proposed solution to a problem; it becomes adopted, if at all, by acclamation and the organic spread of its usefulness”.

⁷ (KEEN, 2009, p. 40)

“achatamento das informações”, um efeito da Globalização 3.0 que planifica e encolhe o mundo, privando-o de suas variações e tornando-o uma massa disforme e uniforme (FRIEDMAN, 2005). Para Keen, isto origina “intermináveis florestas de mediocridade” (KEEN, 2009, p. 8), na qual é impossível filtrarmos o bom do mau conteúdo.

Uma alternativa para a Wikipedia que evitaria essa planificação da realidade reside na aceitação de todos os pontos de vista, se aproximando do conceito de “livro líquido” de Kevin Kelly. Pouco após a gigante Google anunciar seu projeto de escanear livros de bibliotecas de pesquisa⁸, Kelly, um dos fundadores da revista *Wired*, sugere que estaríamos vivenciando a morte do texto independente tradicional: com a democratização da web e com a extinção da individualidade criativa, a autoria individual do livro torna-se um símbolo moribundo da mídia tradicional. Deveríamos, portanto, digitalizar todas as bibliotecas do mundo e disponibilizar todos os livros, oferecendo uma base de dados descomunal para um *remix* tipográfico que qualquer um possa se apropriar, conceber e amalgamar em seu próprio entremeado literário e construir sua própria verdade. Aqui, o ato de recortar e colar, de ligar e comentar um texto é tão ou mais importante que a própria escrita inicial (KELLY, 2006).

Kelly vai além: a biblioteca universal deveria oferecer cópias de todas as pinturas, fotografias, músicas e filmes já criados. Isso porque acredita que a tendência de ideias criativas de infiltrar em outros trabalhos é uma grande novidade para a cultura: como se a memética de Dawkins ganhasse anabolizantes na cultura da web 2.0⁹. O autor justifica-se afirmando que antes do período industrial, era raro encontrar cópias exatas de uma obra porque “era muito mais fácil fazer sua própria versão de uma criação do que duplicar exatamente a de alguém”¹⁰ (KELLY, 2006, s/p), mantendo-se assim até a era da reprodutibilidade.

Enquanto Keen denomina esse movimento de apropriação cultural alheia de “cleptocracia de massa” (KEEN, 2009, p. 135), Lanier descreve a remixagem como “maoísmo digital”: para Mao Tsé-Tung e sua revolução cultural, é a base da hierarquia de produção, o trabalhador cuja labuta é física, que merecia ser recompensada, enquanto o esforço intelectual deveria ser punido. Para Lanier, esta estrutura muito se repete no movimento digital em direção à cultura livre, na medida em que valoriza o trabalho de

⁸ Bibliotecas de Stanford, Harvard, Oxford, da Universidade de Michigan e a biblioteca pública de Nova Iorque.

⁹ Richard Dawkins, biólogo britânico, propõe o conceito de *meme*, uma estrutura semelhante ao gene (reside, porém, na memória), que podemos conceituar como uma unidade mínima de informação passível de propagação, que se multiplica de cérebro em cérebro. Assim como o gene, pode ser propagado e receber mutações. Dawkins sugere que a religião, as línguas e todos os demais produtos da cultura são memes.

¹⁰ Texto original: “In preindustrial times, exact copies of a work were rare for a simple reason: it was much easier to make your own version of a creation than to duplicate someone else's exactly”.

mixagem de elementos sobre o esforço primitivo de criação desses elementos. Nesta política, o meta-produto estaria acima de seu produto original (LANIER, 2012).

Para William Gibson, aclamado autor de ficção científica, apontado como criador do gênero *cyberpunk* com sua obra *Neuromancer* (1984), nossa cultura se desapegou dos termos apropriação e empréstimo, de tal forma que a atitude desviante hoje não é a remixagem, porque ela é própria da natureza do digital. A anomalia hoje é a criação original e sua sobrevivência intacta na web 2.0.

Se o achatamento da cultura originada do consenso na Wikipedia é um efeito perverso, sua alternativa da cultura da remixagem, uma verdadeira Biblioteca de Babel, pode ter efeitos destrutivos para a política de direitos autorais e para a noção da propriedade intelectual como um todo. Em ambos os casos, o contrato social é ferido porque ora silencia o usuário contribuinte ora prejudica o autor que tornou possível que a conceito fosse compartilhado.

Na realidade, a primeira contradição – ou quebra de contrato social – que podemos apontar na Wikipedia reside no fato de afirmar que “não há regras”¹¹: se uma regulação inibe a produção da Wikipedia, ela deve ser ignorada. A enciclopédia livre, no entanto, apresenta 66 páginas¹² gerais de normas, subdivididas em temas como “recomendações de conteúdo”, “normas de conduta”, “manual de estilo” e outras tentativas de padronizar diversos outros aspectos do projeto.

Há um local ideal no universo na Wikipedia para analisarmos os contratos sociais estabelecidos na plataforma livre: as páginas de usuário e as páginas de discussão são descritas como os locais onde as discordâncias devem ser resolvidas, onde a insatisfação com algum tipo de conteúdo – seja ele regulatório ou uma contribuição polêmica num verbete – deve ser exposta na tentativa de se chegar a um acordo comum.

Partimos agora para a análise de um polêmico caso da Wikipedia para tratar especificamente das quebras de contrato social ocorridas e da retórica da enciclopédia livre em oposição à experiência real de seus usuários.

¹¹“Ignore all rules” é um dos cinco pilares da Wikipedia. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Ignore_all_rules. Acesso em 8 jan 2017.

¹² 66 páginas na Wikipedia inglês – usada como referência neste estudo, tendo em vista que é a mais ampla e a primeira afetada pelas decisões institucionais do projeto. A tradução e adaptação de conteúdo institucional para outras línguas não são tarefas tomadas como urgentes no projeto (a Wikipédia em Português, por exemplo, registra apenas 30 dessas 66 páginas gerais de regras).

O caso de William Connolley, parte 1

O caso das contribuições do doutor William Connolley, descrita por Keen (2009), demonstra como a experiência profissional e acadêmica são observadas sob a ótica da enciclopédia livre.

A oposição da Wikipedia à supervalorização do expertise é evidenciada no design de sua criação: a Nupedia, um projeto-irmão que forneceria as bases para o desenvolvimento da Wikipedia, consistia numa enciclopédia cujos artigos seriam produzidos por especialistas e revistos por pares (SANGER, 2005). Embora muitos profissionais e acadêmicos tenham se entusiasmado a proposta, a plataforma teria sido rejeitada porque seus “padrões editoriais rigorosos iam contra princípios ‘democráticos’” (KEEN, 2009, p. 43). Assim, a Wikipedia passa a ser desenvolvida sob a base de escrita *wiki*, onde qualquer pessoa pode adicionar ou editar conteúdo sem a revisão de uma autoridade central.

Ao valorizar o experimento coletivo, a Wikipedia atua em defesa de uma produção democratizada do conhecimento, ignorando o valor da experiência e do contato real com o tema em função da escrita coletiva e aberta a todos.

Andrew Keen descreve os auguros de William Connolley, um modelador climático no British Antarctic Survey, em Cambridge, e contribuidor da Wikipedia que foi submetido a restrições editoriais após reiteradas tentativas de modificações do verbete “Aquecimento Global”¹³. Connolley insistia que realizava alterações visando corrigir imprecisões encontradas nos artigos. No entanto, tratando-se de um usuário novo e com pouca experiência de uso, suas correções nos artigos passam a ser vistas como imposição de opinião para a comunidade da Wikipedia, onde o consenso tem mais valor do que a afirmação do especialista.

A quebra de confiança aqui reside não apenas no fato de a Wikipedia não ter valorizado expertise de Connolley, algo que o especialista tomava como certo: para ele, suas credenciais deveriam ser levadas em conta em suas contribuições (e não a forma como conseguiria debater e argumentar com outros usuários até que estes estivessem de acordo com suas colaborações). Connolley acreditava nisso apesar de a enciclopédia livre declarar abertamente que não favorece a visão de especialistas (WIKIPEDIA, 2016).

¹³ É possível ver as edições de Connolley no histórico do verbete Global Warming <https://en.wikipedia.org/wiki/Global_warming>, da Wikipedia em inglês, e em sua página de usuário <https://en.wikipedia.org/wiki/User:William_M._Connolley>.

Este caso, no entanto, parece indicar que a Wikipedia estaria banindo a participação deste especialista, acusando-o de impor seu ponto de vista enquanto favorecia a opinião de outros colaboradores sem credenciais. Esse procedimento fere o consenso popular de como conduzir as atividades de uma enciclopédia. É uma forma de quebra de contrato porque vai contra as expectativas de valorização do especialista e porque o posiciona abaixo do usuário leigo/não familiarizado com o tema.

Para Keen, esta atitude é preocupante porque, ao autorizar um amador a desenvolver um conteúdo que deveria ser delegado a um expert “estamos minando a autoridade dos especialistas que contribuem para um recurso tradicional” (KEEN, 2009, p. 45). A criação de conteúdo amador e elevação a categoria profissional “banaliza e corrompe o debate sério” (idem, p. 55). Para o autor, este mecanismo de manutenção da Wikipedia deveria ser repensado, pois o conhecimento arduamente conseguido através de estudo, investimento e experiência é o único capaz de dismantelar as anomalias provenientes da sabedoria das massas e do narcisismo digital.

Os colaboradores não qualificados da Wikipedia não podem ser responsabilizados pelos erros e imprecisões encontrados na enciclopédia. Com suas contribuições, se aproximam daquilo que o autor denomina “nobre amador”, aquele que por hobby, não por formação; por amor, não por qualificação, realiza uma “busca altruística da verdade” (KEEN, 2009, p. 49), embora seja insensível a algumas sutilezas que apenas profissionais com experiência são capazes de observar.

Apesar das desavenças, Connolley não cessou suas colaborações na enciclopédia livre. Em 2009, seis anos após sua primeira contribuição, Connolley já gozava de direitos administrativos na Wikipedia e seu histórico registrava mais de 5 mil edições.

O caso de William Connolley, parte 2

Em julho de 2008, o também especialista climático Lawrence Solomon publicou um artigo na National Review a respeito da Wikipedia. Solomon, cujas credenciais incluem experiência como conselheiro ambiental do então presidente americano Jimmy Carter no fim dos anos 1970, expõe sua incredulidade ao se deparar com “versões alarmistas” do aquecimento global em diferentes artigos na Wikipedia (SOLOMON, 2008). Argumentos que Solomon considera falaciosos e absurdos, outrora ridicularizados dentre especialistas de sua área, estavam sendo tomados como verdades irrefutáveis na enciclopédia livre.

Não se limitando a inverdades técnicas, Solomon constatou haver falsas declarações de cientistas renomados apoiando tais teorias. Confirmando a inveracidade das falas atribuídas a seus colegas, Solomon corrige a entrada na Wikipedia, mas se surpreende com o fato de suas alterações serem rapidamente desfeitas na plataforma. O especialista climático percebe um nome recorrente por trás das inúmeras reversões em suas contribuições: um usuário administrador chamado William Connolley.

Através de censura, intimidação e engano, inúmeros fanáticos são capazes de defender calorosamente seu ponto de vista tendo recursos de relativamente fácil alcance através da Web 2.0 (KEEN, 2009). Solomon constata que “em virtude de seu poder na Wikipedia, Connolley, um defensor implacável do consenso do dia do juízo final, pode ser hoje a pessoa mais influente no debate do aquecimento global depois de Al Gore” (SOLOMON, 2008, s/p, tradução nossa¹⁴). E, de fato, William Connolley atuava como um *wiki-lobbista* para diversos especialistas climáticos

Este desvio moral é identificado por Keen: “o que [os produtos de mídia digital] fazem é alimentar uma minoria cada vez mais facciosa que usa a mídia digital ‘democratizada’ para ofuscar a verdade e manipular a opinião pública” (KEEN, 2009, p. 29).

O autor acredita que esta ruptura no tecido moral da sociedade tenha se tornado facilitada pela estrutura da web 2.0, pelo ofuscamento das balizas entre autor e público que obscurece ainda mais a objetividade: “o culto do amador tornou cada vez mais difícil determinar a diferença entre leitor e escritor, artista e relações públicas, arte e publicidade, amador e especialista. O resultado? O declínio da qualidade e da confiabilidade da informação que recebemos” (KEEN, 2009, p. 30).

Temos, então, uma outra lacuna entre a retórica da Wikipedia e as experiências reais de seus usuários, se aqui posicionarmos os leitores dos artigos da Wikipedia que a vêem como uma referência idônea em meio à turbulência de informações da web. E temos motivos para acreditar nisto, visto que um dos maiores agregadores e mecanismo de busca atual, o Google¹⁵, apresenta verbetes da Wikipedia na primeira página de resultados de pesquisa na maior parte das vezes¹⁶, afirmando o site como autoridade na web. Além disto, um *snippet* do

¹⁴ No original: “And yet by virtue of his power at Wikipedia, Connolley, a ruthless enforcer of the doomsday consensus, may be the world’s most influential person in the global warming debate after Al Gore”.

¹⁵ Um estudo de uma instituição britânica encontrou a Wikipedia na primeira página de resultados de busca em 99% das pesquisas realizadas (COPE, 2012), o que sugere que o posicionamento dos resultados da Wikipedia nos resultados de pesquisa não sejam orgânicos.

¹⁶ De acordo com estatísticas de outubro de 2015, o Google é responsável, hoje, por 64% do tráfego de buscas na internet (COMSCORE, 2015).

Google oferece as principais informações de um verbete da Wikipedia em destaque nos resultados de busca, surgindo como se fossem respostas às perguntas feitas pelos usuários da plataforma de busca.

O jornal inglês The Telegraph iria denominar este escândalo de como *Climategate* (DELINGPOLE, 2009), tema suavizado pela Wikipedia, que a denomina “controvérsia da Unidade de Pesquisa Climática”. De fato, a enciclopédia livre parece não assumir nenhuma responsabilidade no ocorrido nem ter tomado providências para evitar que novos escândalos como este ocorram em sua jurisprudência. O perfil de Connelley recebeu algumas sanções e foi impedido de realizar alterações em qualquer tópico relacionado ao clima, mas hoje já é possível vê-lo ativo novamente¹⁷.

Conclusão

O achatamento da cultura é celebrado por autores como Clay Shirky (2012) e Chris Anderson (2006). Para Anderson e sua teoria da *cauda longa*, a internet é um espaço infinito para criações infinitas. Keen acredita que a remixagem da cultura não só está destruindo nosso conceito de autoria como também vem “solapando nossas salvaguardas tradicionais da criatividade individual” (KEEN, 2007, p. 28). Para Lanier, “ênfatar a multidão significa tirar a ênfase dos seres humanos individuais no design da sociedade” (LANIER, 2012, p. 37).

Para ambos os autores céticos em relação às potencialidades positivas da web 2.0, nossa sensibilidade estética está sendo ameaçada por esta tecnologia, seja pela apropriação indevida da produção intelectual, cada vez mais normalizada pelo discurso imperativo do compartilhamento; seja pelo caos informacional em que nos encontramos sem a proteção de nossos “guardiões da cultura”.

Através desta breve análise, observamos a forma como a Wikipedia rompe com nossas expectativas de qualidade editorial, confiabilidade da informação e de salvaguarda da verdade. Em breves exposições, notamos como a política de publicação da enciclopédia livre pode estar minando toda forma de ambiguidade, arguição e a complexidade política e ideológica de seus artigos.

¹⁷ Todo o histórico da polêmica pode ser encontrada no artigo *Climatic Research Unit email controversy*. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Climatic_Research_Unit_email_controversy>. Acesso em 11 jan. 2016.

Referências:

ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa**: do mercado de massa para o mercado de nicho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

COPE, Sam Silverwood. Wikipedia: Page one of Google UK for 99% of searches. **Pi Datametrics**. 8 fev. 2012. Disponível em <<http://www.pi-datametrics.com/wikipedia-page-one-of-google-uk-for-99-of-searches/>>. Acesso em 3 jan. 2016.

COMSCORE. comScore Releases October 2015 U.S. Desktop Search Engine Rankings. **comScore**. 13. nov. 2015. Disponível em <<http://www.comscore.com/Insights/Market-Rankings/comScore-Releases-October-2015-U.S.-Desktop-Search-Engine-Rankings>>. Acesso em 3 jan. 2016.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DELINGPOLE, James. Climategate: the corruption of Wikipedia. **The Telegraph**. Londres, s/p. 22 dez. 2012. Disponível em: <<http://blogs.telegraph.co.uk/news/jamesdelingpole/100020515/climategate-the-corruption-of-wikipedia/>> Acesso em: 23 dez. 2015.

FRIEDMAN, Thomas L. **O mundo é plano**: uma breve história do século XXI. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

GIBSON, William. God's Little Toys. **Wired**. São Francisco, s/p. 01 jul. 2005. Disponível em <<http://www.wired.com/2005/07/gibson-3/>>. Acesso em 17 jan. 2016.

JENKINS, Henry. The Moral Economy of Web 2.0 (Part One). **The Official Weblog of Henry Jenkins**. 18 mar. 2008a. Disponível em: <http://www.henryjenkins.org/2008/03/the_moral_economy_of_web_20_pa.html>, acesso em 21 dez. 2015.

_____. The Moral Economy of Web 2.0 (Part Two). **The Official Weblog of Henry Jenkins**. 19 mar. 2008b. Disponível em: <http://www.henryjenkins.org/2008/03/the_moral_economy_of_web_20_pa_1.html>, acesso em 21 dez. 2015.

_____. The Moral Economy of Web 2.0 (Part Three). **The Official Weblog of Henry Jenkins**. 21 mar. 2008c. Disponível em: <http://www.henryjenkins.org/2008/03/the_moral_economy_of_web_20_pa_2.html>, acesso em 21 dez. 2015.

_____. The Moral Economy of Web 2.0 (Part Four). **The Official Weblog of Henry Jenkins**. 24 mar. 2008d. Disponível em: <http://www.henryjenkins.org/2008/03/the_moral_economy_of_web_20_pa_3.html>, acesso em 21 dez. 2015.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.

KEEN, Andrew. **O Culto do Amador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

KELLY, Kevin. Scan This Book! **The New York Times Magazine**, Nova Iorque, s/p, 14 mai. 2006. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2006/05/14/magazine/14publishing.html?pagewanted=all>>. Acesso em 23 dez. 2015.

LANIER, Jaron. **Bem-vindo ao futuro**: uma visão humanista sobre o avanço da tecnologia. São Paulo: Saraiva, 2012.

O'REILLY, Tim. The Architecture of Participation **O'Reilly Media**, 6 abr. 2003. Disponível em <<http://archive.oreilly.com/pub/wlg/3017>>. Acesso em 28 dez. 2015.

_____, Tim. The Architecture of Participation **O'Reilly Media**, jun. 2004. Disponível em <http://archive.oreilly.com/pub/a/oreilly/tim/articles/architecture_of_participation.html>. Acesso em 28 dez. 2015.

_____. What Is Web 2.0?: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. **O'Reilly Media**, 30 set. 2005. Disponível em <<http://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>>. Acesso em 22 dez. 2015.

SANGER, Larry. The early history of Nupedia and Wikipedia: a memoir. **Open sources**, v. 2, p. 307-338, 2005.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**. Criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. Lá vem todo mundo. **O poder de organizar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SOLOMON, Lawrence. Wikipropaganda On Global Warming. **National Review**. 8 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.nationalreview.com/article/224785/wikipropaganda-lawrence-solomon>>. Acesso em 22 dez. 2015.

WIKIPEDIA, Verbete Wikipedia:Consenso. **Wikipedia**. 2016. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:Consenso>>. Acesso em 8 jan. 2016.